



Jerson Kelman, presidente da Sabesp

FABRÍCIO LOBEL
DE SÃO PAULO

Até que ponto vale manter as represas em nível abaixo do normal, assumindo algum risco futuro, para aliviar a situação imediata de milhares de pessoas que ficam sem água durante horas todos os dias na Grande São Paulo?

Para Jerson Kelman, presidente da Sabesp, a decisão é "difícil" e envolve certo grau de "incerteza", mas as projeções da estatal paulista avaliam a decisão de relaxar um pouco no racionamento para sacrificar menos a população.

Segundo ele, há segurança no abastecimento na região até abril de 2017. A partir daí, diz, a expectativa da estatal ligada ao governo Geraldo Alckmin (PSDB) é que uma "cavalariada" de obras planejadas saia do papel e traga mais água à metrópole.

Entre as obras estão a captação de água em um rio na bacia do Tietê, a interligação do rio Paraíba do Sul com o sistema Cantareira e o início da captação nas represas do sistema São Lourenço, no interior do Estado.

"Podemos voltar a uma situação muito ruim? Podemos. Mas, se isso acontecer, estaremos muito melhor preparados do que estávamos antes."

Nas últimas semanas, além de reduzir a quantidade de horas com torneiras secas em alguns bairros, a Sabesp seguiu aval para ampliar a retirada de água do Cantareira — agora são 19,5 mil litros por segundo, contra 13,5 mil litros no começo de dezembro.

Leia trechos da entrevista concedida à **Folha** por Kelman, especialista em hidrologia pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro):

★

Folha - Qual o sentido de captar mais água no Cantareira?

Jerson Kelman - Não tem muito certo ou errado nessa questão. Uma decisão sobre o quanto se sacrifica agora para ter um futuro melhor é sempre uma decisão sobre uma incerteza. Não tem sentido, no meu perceber e com base em simulações, impor um sacrifício maior à população agora em troca de evitar um sacrifício menor no futuro.

Há uma dona Maria que está sofrendo [com cortes de água]. Tenho que me perguntar se o sacrifício que estou impondo a ela é justificável ou não. É uma relação difícil.

O sr. acha que há riscos ao reverter o racionamento?

Nós fizemos uma regra de

ENTREVISTA JERSON KELMAN

Dúvida no abastecimento é de abril de 2017 em diante

PRESIDENTE DA SABESP DIZ QUE PROJEÇÕES PERMITEM ALÍVIO ATÉ INÍCIO DO ANO QUE VEM, QUANDO ELE ESPERA TIRAR OBRAS DO PAPEL

operação baseada no fato de que chegaríamos ao final de 2016 com 5% [do volume útil do Cantareira, contra os atuais 11,9%]. Para chegar nesse nível, não há risco nenhum ao abastecimento [no período de um ano]. Durante o início de 2017 também não haverá problema.

A dúvida está sobre abril de 2017 em diante. Mas, a partir daí, já teremos um monte de obras. É ridículo não levar em consideração que a cavalariada está chegando em 2017. Impor um sacrifício desnecessário à população é sacanagem.

O remédio não pode matar o paciente. Estamos aqui bus-

cando um tratamento que, ao nosso ver, a partir de simulações, é o mais acertado.

O que dizem os cálculos?

Segundo nossas simulações, podemos voltar a uma situação muito ruim? Podemos. Se 2014 se repetir, no próximo junho estaremos na posição que estávamos em junho de 2015, que é muito ruim. Mas, se isso acontecer, primeiro, estaremos muito melhor preparados do que antes.

Segundo, isso não está acontecendo. É claro que a hidrologia de 2014 não vai acontecer [nesse ano].

Além disso, se não estivés-

semos fazendo obras estruturais, poderia ser que alguém se preocupasse. Mas em 2017 teremos obras novas. Estamos hiper conservadores.

De qualquer forma, a adesão da população ao bônus [na conta para quem economiza água] tem diminuído nos últimos meses. Não preocupa?

A percepção de que se tem mais água faz com que a pessoa, que tinha um comportamento mais cidadão, possa ter um uso de água mais confortável. A saída da crise ocorre, e o consumo não será como antes. Mas não há motivo para que as pessoas agora não

tenham mais conforto.

A gente não precisa ficar aterrorizando para que fiquem eternamente em crise. Já há um aprendizado. Eu não estouvando 'voltem a deixar as torneiras abertas'. Antes, as pessoas sofreram, tinham as torneiras abertas, a dona Maria tinha que voltar mais cedo para cozinhar. Nós vamos voltar à normalidade.

Há meses o senhor comenta que a empresa trabalha em uma nova estrutura tarifária. Há alguma conclusão?

São vários os problemas que precisam ser resolvidos pela reforma da estrutura ta-

“É ridículo não levar em consideração que a cavalariada [obras da Sabesp em curso] está chegando em 2017. Impor um sacrifício desnecessário à população é sacanagem

“[Se a situação de 2014 se repetir] estaremos muito melhor preparados do que antes

rifária. Um deles, é ampliar a base dos que têm tarifa social, por uma questão de justiça.

Outro problema é a questão dos factíveis [endereços que poderiam estar conectados à rede coletora de esgoto, mas não estão]. Não tem sentido que você dê incentivo [financeiro] para que ele se ligue ao esgoto. Ele deveria pagar uma penalidade por não se ligar.

Há ainda o problema dos veranistas: não tem sentido você fazer toda uma estrutura para que o cliente use apenas dez dias no ano e não pague quase nada por isso.

Também não tem sentido você ter a tarifa de esgoto 20% menor do que a tarifa de água, em algumas cidades. Na realidade, deveria ser o contrário, pois o custo de coletar e tratar o esgoto é muito maior.

A tarifa para o setor público também é excessiva. Não é razoável que um hospital público pague muito mais do que um cidadão.

Tem ainda a questão do fornecimento de água em áreas irregulares.

A sociedade tem carências e a Sabesp tem capacidade técnica para atendê-las. O que falta agora é o recurso para fazer. Não custa muito. Imagine-se a classe média, classe alta ou indústrias não poderiam pagar R\$ 10 a mais por mês. Claro que sim, não custa nada.

Não dá para arrumar tudo de uma vez. Acho que a lógica de correção dessa estrutura tarifária não deve ser imposta de repente. Você deve ir evoluindo ao longo de, por exemplo, cinco anos.

Até abril deste ano, data da revisão tarifária da Sabesp, teremos novidade nesse sentido?

Não sei. Estamos estudando. Não tem data marcada.

MORTES

ANA DE JESUS JANTARADA - Aos 94, viúva de Alfredo Augusto Xavier. Deixa dois filhos. Cemitério e Crematório Metropolitanos Primaveraes.

MIGUEL FICHMAN - Aos 84, casado com Conceição Luna Reis Fichman. Deixa os filhos Luiz Roberto, Sergio e Claudina, e neta. Cemitério Israelita do Butantã.

NELSON FECCIO - Aos 84, viúvo de

Isabel Gonzales Feccio. Deixa dois filhos. Cemitério e Crematório Metropolitanos Primaveraes.

WILSON MARTINEZ LUCAS - Aos 71, casado com Márcia Barros Lopes Lucas. Deixa a filha Márcia Cristina e a neta Fernanda. Crematório da Vila Alpina.

7º DIA

KENTARO KAMOTO (1941-2016)

Um advogado que cresceu com sua cidade

FERNANDA PEREIRA NEVES
DE SÃO PAULO

Apenas alguns anos mais velho que a cidade de Ribeirão Pires, na região metropolitana de São Paulo, Kentaro Kamoto foi um dos muitos que cresceram com o município.

Chegou com apenas cinco anos, com os pais e os quatro irmãos, à região de Ouro Fino, posteriormente emancipada da cidade de Santo André, também na Grande SP.

Sempre sério e dedicado, atuou no setor de transporte, trânsito, justiça e até no futebol local. Essa versatilidade acabou deixando-o conhecido e lhe rendeu o título Cidadão Ribeirão Pirense, concedido pela Câmara Municipal.

A paixão de Kentaro, no entanto, era a advocacia. Formado inicialmente em contabilidade, optou pelo curso de direito quase de forma aleatória, seguindo alguns amigos. Só nos anos

1980, após a venda da empresa de ônibus da família, que abraçou de vez a profissão.

Além do escritório que mantinha, foi tesoureiro da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) na cidade e examinador das provas do órgão no Grande ABC. Também atuou como conciliador no Juizado de Causas Especiais e na Vara de Família. Continuou a trabalhar até o final.

Sua companheira nessa jornada foi Leda, com quem

ja, al. Franca, 889, Cerqueira César.

ROBERTO COVELLO PINHEIRO - Nesta quarta (20/1), às 20h, na Igreja Nossa Senhora da Saúde, r. Domingos de Moraes, 2.387, Vila Mariana.

1º ANO

ITÁLIA GIAMPÀ SCHEIBEL - Quinta (21/1), às 19h30, igreja Dom Bosco, r. Cerro Corá, 2.101, Alto da Lapa.

SERVIÇO
VOCÊ DEVE PROCURAR O SERVIÇO FUNERÁRIO MUNICIPAL DE SP:
tel. (11) 3396-3800 e central 156
site: www.prefeitura.sp.gov.br/
servico funerario
Serão solicitados os seguintes documentos do falecido: Cédula de Identidade (RG); Certidão de Nascimento (em caso de menores); Certidão de Casamento.

ANÚNCIO PAGO NA FOLHA:
tel. (11) 3224-4000
Segunda à sexta, das 8h às 20h
Sábados e domingos, das 9h às 17h.
AVISO GRATUITO NA SEÇÃO SERVIÇO FUNERÁRIO
E-mail: necrologia@guol.com.br
Até as 15h, ou até as 19h de sexta para publicações aos domingos. Enviar número de telefone para checagem das informações.

Vera Calbet Yazbek, esposa, Marcos Antonio Yazbek, filho, e Norma Yazbek Sabbagh, irmã e sobrinhas de
DR ALEXANDRE YAZBEK JR
Agradecemos as manifestações de carinho e convidamos para missa de 7º dia a ser celebrada quinta-feira, dia 21 de janeiro, às 12h na Catedral Metropolitana Ortodoxa no R Vergueiro, 1515.

Heloísa Wey Beldi



Filhos e netos convidam para a missa de 7º Dia, que será celebrada amanhã, quinta-feira, 21 de janeiro, às 9:00h, na Paróquia São José, Rua Dinamarca, 32 - Jardim Europa, São Paulo.